

A ESCRITA TIPO *SCRIPT* EM CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO (1949 a 1977)

Alessandra Amaral da Silveira¹

Eixo temático: 2- Alfabetização e história

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a análise sobre o uso da letra *script* em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização, que, no estado gaúcho, ganhou força e destaque, principalmente, na segunda metade do século XX. Esse incentivo demandou, principalmente, de dois importantes veículos de informação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS e a Revista do Ensino. Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia empregada supõe uma operação historiográfica, inserida na relação de dois campos de conhecimentos: o da história da alfabetização e o da pesquisa sobre/com cadernos. A análise possibilitou perceber que no período de 1949 a 1977 a denominação recorrente é a *scrip*t e o interesse em torná-la a escrita oficial, sendo que, nesse momento, se localizou no acervo do grupo de pesquisa Hisales, cadernos com o uso exclusivo desse tipo de letra. O interesse em implementar a letra *script* é marcado por diferentes debates de ordem histórica, pedagógico, política, social e econômica, que, de certa maneira, contribuem para que um determinado tipo de letra se estabeleça de forma hegemônica na escola.

Palavras-chaves: cadernos de alunos; alfabetização; letra *script*; letra imprensa minúscula

Introdução

Qual tipo de letra ensinar às crianças que ingressam nos primeiros anos de escolarização? Essa questão é recorrente quando se trata do espaço formal de ensino e independente do período histórico. Essa discussão era presente no século XX, em que autores como Santos (1953), D'Ávila (1955), Fontoura (1963) que produziram manuais pedagógicos, orientações, sugestões sobre o uso de determinado tipo de letra para os alunos que ingressavam na escola. Na atualidade, Cagliari (1999), Morais (2012), Soares (2016) são autores que, recorrentemente, problematizam a temática dos tipos de letras, principalmente,

¹ Doutorado em Educação. Professora da Educação Básica do Município de Rio Grande/RS. Contato: ale82amaral@yahoo.com.br;

no processo de alfabetização. Sendo assim, a preocupação docente em ensinar determinado tipo de letra às crianças é algo que se mantém ao longo do tempo e não é apenas uma questão de escolhas pessoais, mas sim articulado a diferentes discursos.

Dito isso, este trabalho tem a intenção de apresentar uma das discussões que emergiram de uma pesquisa de doutorado² realizada com cadernos de alunos em fase de alfabetização. Neste texto o objetivo é apresentar a análise sobre o uso da letra imprensa minúscula em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização, que, no estado gaúcho, ganhou força e destaque, principalmente, na segunda metade do século XX, quando a principal denominação era letra *script*³.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia empregada supõe uma operação historiográfica (CERTEAU, 1982), inserida na relação de dois campos de conhecimentos: o da história da alfabetização e o da pesquisa sobre/com cadernos. Como principal fonte documental os cadernos de alunos que, de acordo com Gvirtz (1996) e Viñao (2008), não são meros suportes físicos e sim artefatos que registram muitas das propostas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, entre elas.

Assim, desenvolve-se e opera-se principalmente com o conceito de cultura gráfica, baseado fundamentalmente em Petrucci (1986) e Chartier R. (2002). A cultura gráfica corrobora na compreensão da relação, letras x escola, estão em jogo vários discursos que, muitas vezes, estão além da instituição escolar. No caso do incentivo ao uso da letra *script* foram responsáveis dois importantes veículos de informação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS e a Revista do Ensino.

Percurso Metodológico

A pesquisa historiográfica se caracteriza por construir e atribuir sentido a um determinado acontecimento, bem como por indicar que o mesmo não pode ser estudado de forma isolada, mas, sim, relacionado ao seu contexto. Certeau (1982) destaca o fazer historiográfico enquanto uma prática mediada por diferentes técnicas, e, por isso, enfatiza o papel do historiador como inventor, uma vez que é a sua atuação/ação fundamentada em

² A pesquisa de doutorado, que teve o objetivo principal realizar um mapeamento das letras usadas nas classes de alfabetização de diferentes escolas gaúchas ao longo de 78 anos (1937 a 2015), periodização possível, considerando a documentação (cadernos de alunos) disponível em um acervo de cadernos de alunos, do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales) - cadastrado como grupo de pesquisa, desde 2006, pela professora Eliane Peres. Localizado na cidade de Pelotas/RS. É um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Atualmente, coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres, Dra. Vania Grim Thies e Dra. Chris de Azevedo Ramil.

³ A discussão mais ampla e aprofundada sobre essa temática foi publicada na Revista Momento Diálogos em Educação – FURG, v.29, nº03, 2021.

diferentes perspectivas que torna a pesquisa possível, ou seja, é o historiador que “trabalha sobre um material para transformá-lo em história” (CERTEAU, 1982, p. 79).

No acervo do grupo de pesquisa Hisales, o primeiro caderno com a letra *script* data de 1949. A partir desse foram localizados nos próximos 28 anos a recorrência desse tipo de letra que ora aparece concomitantemente com a letra cursiva, ora de forma exclusiva em todas as páginas do caderno. Sendo assim, para o período de 1949 a 1977 constavam no acervo 23 cadernos de alunos, desses a letra *script* foi localizada em 15, sendo em 09 deles de forma exclusiva.

Em toda a pesquisa esse foi o único momento que ocorreu esse fenômeno com a letra *script*. As seguir serão apresentadas as discussões que possivelmente colaboraram para que a letra *script* estivesse presente nos primeiros anos de escolarização das escolas gaúchas no referido período.

Resultados e Discussão

A letra imprensa minúscula foi definida por Fontoura (1963) como “aquela em que as letras são separadas umas das outras, tal como acontece neste livro, e em todos os impressos, revistas ou jornais [...] data do século XVI com o surgimento da imprensa” (FONTOURA, 1963, p. 120). Após essa definição, cabe registrar que, no decorrer da pesquisa emergiram diferentes denominações referentes a letra imprensa minúscula que variaram entre letra imprensa simplificada, letra imprensa, tipográfica e *script*, em alguns casos, havendo pequenas alterações no traçado de algumas letras.

Como já referido, no período de 1949 a 1977 foram contabilizados 15 cadernos de alunos em que a letra *script* esteve presente, sendo 09 de forma exclusiva. Destaca-se que, embora, quantitativamente, pareça ínfima, esses cadernos e os registros neles identificados, no que tange ao tipo de letra, é bastante revelador. É importante trazê-los para a discussão pelo fato de estarem relacionados a um período de fortes discussões sobre o ensino de diferentes tipos de letras no estado gaúcho, com ênfase para o uso da letra *script* nas escolas.

No conjunto de cadernos, com o uso exclusivo da letra *script*, há a presença de muita cópia - seja de letras, sílabas, palavras e frases -, principalmente, com o objetivo de encher linha. Sendo assim, encher linha, copiar várias vezes a mesma letra, sílaba ou palavra poderia servir para duas tarefas: em primeiro lugar, para memorização; em segundo, para ajudar na destreza em desenvolver o traçado das letras, ou seja, auxiliavam no treino da mão, dos dedos e do corpo do aluno que estava ingressando no processo de escolarização. Sendo assim, quando se percebe a presença dessas atividades, entende-se que não está sendo considerada somente a importância de aprender a escrever, mas também a ênfase para traçar as letras, as palavras e adquirir uma boa letra, elegante e bonita. Em alguns dos cadernos

com o uso exclusivo, da letra *script*, nota-se que houve a adaptação de algumas letras, como, por exemplo, a letra “a” pela “ɑ”, pois o traçado dessa letra, no formato *script*, acabava sendo considerado mais complexo e difícil de traçar por mãos ainda em treinamento.

No entanto, cabe informar que a sugestão de adaptação das letras surgiu a partir das orientações do comunicado do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional/CPOE (1959). A intenção era de incentivar o uso da letra do tipo *script*, mas tendo a precaução de alertar sobre as dificuldades de traçar algumas letras que poderiam ser adaptadas, o que demonstra que, nesses casos, as professoras gaúchas seguiram as sugestões do órgão responsável sobre a recomendação do tipo de letra a ser utilizada nas classes de alfabetização, principalmente, sobre a sugestão da troca de determinadas letras.

Conforme Petrucci (1986) e Chartier (2002), para compreender a cultura gráfica, é importante discorrer sobre as discussões que estavam circulando na época, principalmente, a partir de instâncias consideradas de grande influência no meio educacional. No estado do Rio Grande do Sul, algumas discussões começavam a ganhar força e circulação, principalmente, pelos comunicados e pelas reportagens de dois importantes veículos de informação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS⁴ e a Revista do Ensino, ambos defendiam a necessidade de modernizar o ensino da escrita nas escolas primárias. Para isso, era preciso investir em um tipo de letra considerada mais “moderna”, como, por exemplo, a *script*, pois era ela que se aproximava aos caracteres da máquina de escrever.

O citado Centro adquiriu relevância no contexto educacional gaúcho, sendo considerado “[...] o lugar de referência dos saberes pedagógicos” (PERES, 2003, p. 68). O CPOE divulgava, por meio de documentos (comunicados, boletins, circulares, cursos, entre outros⁵), o que estimava ser inovador e primordial para o bom desenvolvimento da educação das classes pré-primária, primária, especial, supletiva, rural e normal.

No comunicado n.04, de agosto de 1959, intitulado A Escrita Tipo “*Script*” nos Primeiros Anos da Escola Primária, assinado pela professora Dorothy Fossati de Vasconcelos Moniz (Orientadora do ensino primário), são elencados nove itens defendendo as vantagens do uso e do ensino da letra *script*:

- 1) As letras de forma são mais simples que a cursiva.
- 2) É semelhante aos desenhos com que estão familiarizadas as crianças.
- 3) O “*script*” emprega o mesmo alfabeto que as crianças encontram nas leituras e elimina, assim, o gasto de energias e a confusão de ter de aprender

⁴ Para aprofundamento sobre o CPOE consultar a tese Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. Quadros, 2006.

⁵ Conforme Quadro (2006, p.39) a distribuição desses documentos era realizada para “[...] os órgãos de Secretaria de Educação e Cultura (gabinete, diretorias, subsecretarias, superintendência, delegacias regionais de ensino); para as escolas normais; para orientadores de educação primária e autoridades educacionais”.

as duas formas de cada letra.

4) As crianças podem aprender a expressar as idéias sobre o papel com mais rapidez se utilizarem a escrita “script”, de modo que em seguida adquirem certa satisfação.

5) Há menos fracassos.

6) Na aprendizagem da escrita “script” há menos tensão dos olhos e é menor a possibilidade de cansaço físico que a aprendizagem da escrita cursiva.

7) A escrita “script”, ao facilitar a expressão escrita, estimula o espírito criador.

8) A claridade da escrita “script” tende a criar segurança emocional.

9) A escrita “script” está adaptada ao desenvolvimento muscular motriz das crianças da escola primária. (CPOE. Comunicado nº 4. Revista do Ensino nº 62, agosto de 1959, grifos do autor).

A partir desses itens, é possível perceber o interesse em apresentar as vantagens da letra do tipo *script*, incentivando, assim, sua implementação no cotidiano da escola, pois, conforme foi dito, ela estaria mais próxima da realidade das crianças, uma vez que o formato das letras é semelhante aos desenhos. Um mês após esse comunicado, em setembro de 1959, foi lançada na Revista do Ensino a reportagem intitulada “A escrita no primeiro ano de escolaridade”, também assinada pela professora Dorothy Fossati de Vasconcelo Moniz, orientadora do ensino primário. Na reportagem há o reforço da vantagem do ensino da letra *script* ou imprensa simplificada, destacando que desde o “[...] 1º encontro de contato com as crianças de escrever o que necessitar com a escrita “tipo-escrita” ou *script*, o que já lhe constituíra um treino” (REVISTA DO ENSINO, nº 6, setembro de 1959, p. 42).

No texto, a autora recomenda que, ao aderir a esse tipo de letra, deve-se ter o cuidado para que todos os materiais (cartaz, quadro, caderno, cartilha etc.) usados na sala de aula tivessem a mesma letra para que a criança conseguisse desenvolver uma uniformidade na escrita. O artigo é mais didático do que o comunicado, focando no ensino efetivo do tipo de letra *script* como, por exemplo, apresentando sugestões de exercícios para a fase preparatória, as atividades iniciais que deveriam ser realizadas, a importância da professora em registrar tudo na sala de aula com a letra do tipo *script*, sobre o cuidado da escolha da cartilha a ser utilizada para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois há cartilhas que utilizavam somente a escrita cursiva, e essas deveriam ser utilizadas pelas professoras como guia e/ou orientação do seu fazer pedagógico, logo, o aluno não deveria ter contato com ela. Já sobre o método de ensino, a orientação era de que a escolha ficasse a cargo da professora, pois, conforme a autora da reportagem, o tipo de letra *script* é apenas uma maneira diferente de escrever e independe do método de ensino a ser desenvolvido.

Na década de 1960, também havia a intenção de promover o ensino desse tipo de letra no ensino inicial de escolarização dos alunos, mas referindo a experiência de professoras que atuavam em salas de alfabetização. A Revista do Ensino, de 1969, publicou o artigo intitulado “A escrita na escola primária”, de autoria de Doris Ramos de Mota, Vera

Paes Leite e Neusa Junqueira Armellini, todas professoras do Curso Primário de Aplicação da Escola anexa do Instituto de Educação de Porto Alegre/RS. No artigo, elas relatam suas práticas na sala de aula com os alunos em fase de alfabetização e justificam o uso da letra *scrip*.

A partir dos exemplos espostos fica evidente a ênfase para utilização da letra *script* nas classes de alfabetização gaúchas, justificando-se pelo menor esforço na execução do traçado de mãos ainda não tão habilidosas. Contudo, vale ressaltar que no eixo Rio de Janeiro/ São Paulo, o incentivo ao uso escolar a esse tipo de letra já estava acontecendo desde a década de 1940. Pfromm Neto registra que “[...] as escolas brasileiras passam a introduzir o ensino da letra *script*, a partir das orientações de Norberto de Souza Pinto” (PFROMM NETO *apud* STEPHANOU & BASTOS, 2012, p. 120).

O conceito de cultura gráfica possibilita compreender a permanência ou a mudança do/no ensino de um determinado tipo de letra na escola e que é preciso que haja um “convencimento” de sua importância, que um tipo de letra seja visto como mais adequado do que outro, via de regra, feito por “especialistas” no tema. No caso da letra *script* há, também, uma relação entre as demandas sociais e a escola sobre o tipo de letra que deve ser ensinado e aprendido.

5 Considerações Finais

De maneira geral, a *script*, inicialmente, apareceu dividindo espaço com a letra cursiva, logo ganhou a exclusividade em alguns cadernos de alunos. No entanto, cabe recapitular que, no momento inicial da sua presença nos cadernos dos alunos, havia uma discussão forte no estado do Rio Grande do Sul em defesa da sua inserção no espaço escolar (PERES, 2003), isso foi localizado nos comunicados do CPOE e, também, na Revista do Ensino, e seu uso pode ter perdido força devido ao encerramento das atividades do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional (QUADROS, 2006) e de mudanças na compreensão do processo de alfabetização. Outro dado destacado é que, nessa ocasião, a nomenclatura mais usual era letra *script* ou imprensa simplificada, o que as diferenciava, no caso gaúcho, era, fundamentalmente, os traçados das letras “a” e “g”, o que, também, foi verificado nos cadernos dos alunos.

Diante disso, a exclusividade da letra *script* e a concomitância dela com a cursiva até a década de 1970 colocam em questão a hegemonia de um tipo de traçado. Sendo assim, a letra do tipo cursiva, até então predominante nos cadernos dos alunos, passa a dividir espaço com a *script*, isso ocorreu devido às discussões da época que atribuía significado positivo ao tipo *script*, o que era incentivado pelas autoridades gaúchas naquele momento. No entanto, a partir do final da década de 1970 esse tipo de letra cai em desuso, deixando de ser estimulado

pelas professoras especialistas.

Para entender o desaparecimento da letra *script* no final da década de 1970 é preciso retomar alguns aspectos da política educacional do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Como foi exposto, houve o esforço para que as escolas gaúchas empregassem nas suas turmas de alfabetização o uso da letra do tipo *script*, principalmente, pelo empenho do CPOE/RS e de sua forte influência no contexto educacional do Estado. No entanto, o Centro não conseguiu se estabelecer por muito mais tempo, com o golpe militar de 1964 e, a partir dele, precisou ser reformulado várias vezes encerrando suas atividades em 1971. Com o fim das atividades do CPOE/RS é possível dizer que a defesa sobre o tipo de letra *script* enfraqueceu no Estado.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1999.

CHARIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. Tradução de Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: editora Unesp, 2002.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

D'ÁVILA, Antônio. **Práticas escolares** (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário). São Paulo, 7ª ed, 1º volume. Ed: melhoramentos, 1955.

FONTOURA. Afro de Amaral. **A escola viva Metodologia do ensino primário**. Rio de Janeiro, 9ª edição (3º volume): Editora: Aurora, 1963.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase**: Argentina 1930 - 1970. Buenos Aires: Eudeba, 1996.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES; Eliane; TAMBARA, Elomar (Org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)**, Pelotas/RS: Seiva, 2003.

PETRUCCI, Armando. **La scrittura**. Ideologia e rappresentazione. Turin: Einaudi, 1986.

QUADROS, Claudemir de. Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. 429f. **Tese** (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SANTOS Theobaldo Miranda. **Noções de práticas de ensino**. São Paulo, 3ª edição. Editora:

Nacional, 1953.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: editora Contexto, 2016.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: Memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria da Costa (Org.). **Do desenho das belas letras à livre expressão do desenho da escrita**. Salvador: EDUFBA, 2012.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.